

ATIVOS RUSSOS, TÃO PERTO E TÃO LONGE...

Por Yannick Harrel*



A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen (Vincent Kessler/Reuters).

Abrir uma frente financeira contra a Rússia teria graves consequências, não só pelas convulsões no sistema financeiro mundial, como pela escalada de contramedidas que certamente seriam tomadas.

Conforme publicado na edição do *Le Figaro* de 2 de março de 2024, o historiador Jacques Bainville (1879-1936) afirmou certa vez explicitamente “com que loucura poderíamos também ter imaginado que uma Europa constituída em dois grupos de potências formidavelmente armadas e competindo em armamentos ofereceu bases sólidas para a paz!”. Em 2024, a mesma situação prevalece com um bloco denominado “Ocidental” (Europa, América do Norte, Austrália, Japão e Coreia do Sul) e outro denominado “Oriental” (Rússia, China, Irã, Coreia do Norte¹).

Sabemos muito bem que a lógica dos blocos agrava o risco de tensões como a de um dos membros de um dos referidos blocos agir sozinho e levar a um “efeito bola de neve” de um campo contra o outro. Este é também um dos pontos em que o antigo primeiro-ministro francês Dominique de Villepin insistiu durante sua aparição na quinta-feira, 7 de março, no canal *LCI* da TV francesa, criticando a não consideração de um alargamento do conflito fora da zona ucraniana.

¹ Os BRICS+ (Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul e desde 2023 Arábia Saudita, Egito, Irã, Emirados Árabes Unidos e Etiópia) não são uma organização militar, mas sim um agrupamento de economias emergentes cuja propensão para fornecer um modelo alternativo ao Ocidente cresceu ao longo dos anos.

Um dos pontos que certamente marcaria uma escalada entre o bloco ocidental e o bloco oriental seria o confisco de bens russos atualmente congelados, ou seja, inacessíveis às autoridades que os detêm legalmente. Esta é uma “serpente marinha” agitada desde o início do conflito em março de 2022 e que excita os desejos de muitos atores pelo seu montante, geralmente estimado em 300 bilhões de dólares, aos quais se somam confiscos de bens de várias dezenas de bilhões de dólares provenientes de sanções contra pessoas físicas e jurídicas russas.

Por mais tentador que este potencial ganho inesperado possa ser, sua apropriação se depara com diversas armadilhas:

- A reciprocidade que a Rússia poderia exercer confiscando ativos ocidentais, cujo montante ainda não está quantificado, mas que incluem, além da liquidez sob a forma de obrigações, investimentos em equipamento pesado;
- A consequente perda de confiança no circuito financeiro ocidental por parte das economias emergentes, já escaldadas pelo congelamento de ativos e pela cessação das transações dos intervenientes financeiros russos através da rede SWIFT²;
- O risco acrescido de beligerância na sequência do que poderia ser considerado um ataque aos interesses fundamentais da Rússia;
- Os ativos não são “monólitos”; são compostos por participações muito variadas de atores públicos e privados, nacionais e internacionais, e a realização de uma desapropriação pode levar a consequências infelizes;
- A perspectiva mais ou menos a longo prazo de reembolso dos montantes confiscados (com juros, se aplicável) em caso de vitória militar e/ou política da Rússia³.

Esta solução aparentemente simples é, portanto, na realidade, altamente sensível nos níveis jurídico, financeiro e político.

Além disso, estes fundos, destinados principalmente ao apoio industrial, financeiro e logístico à Ucrânia, poderiam, em caso de derrota de Kiev, constituir um encargo desproporcional em termos de reembolso para os Estados que tomaram a decisão de confiscá-los, especialmente se não beneficiassem – mesmo que temporariamente – suas respectivas economias.

E mesmo que estes bens fossem confiscados, beneficiariam realmente a economia de guerra europeia? Encorajariam a produção de munições e equipamentos por industriais do Velho Continente? Nada é menos certo, porque o apetite do complexo militar-industrial americano é real e seu *lobby* é muito eficaz. Será

² SWIFT é o acrônimo de Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication, empresa de direito belga que pretende ligar os diferentes intervenientes no mundo bancário internacional, facilitando as ordens de pagamento. A introdução e posterior utilização do IBAN e do BIC é um sinal de pertencimento a esta rede.

³ Especifiquemos que se em novembro de 2019 o Tribunal de Cassação francês reconheceu que a administração nacional não tinha meios para forçar a Federação Russa a reembolsar empréstimos russos confiscados pelo poder bolchevique em janeiro de 1918, a decisão é com base em um acordo de maio de 1997 que impedia os Estados signatários de reivindicar qualquer dívida anterior a 1945.

realmente conveniente que os políticos europeus “trabalhem para o Rei da Prússia”?

Finalmente, surge a questão crucial: quem seria o primeiro a decidir sobre tal operação e quem, inevitavelmente, atrairia a ira dos responsáveis pela Federação Russa? Seria complicado para este Estado defender o respeito do direito internacional em palavras e violá-lo *de facto*.

Apesar das repetidas ameaças da presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, a presidente do Banco Central Europeu (BCE), Christine Lagarde, é, por sua vez, muito mais cautelosa, pois em seu comunicado de imprensa de 7 de março de 2024, ela sublinhou as complicações jurídicas internacionais e os efeitos financeiros metastáticos inerentes a tal decisão⁴: é uma política de “tudo ou nada”, perigosa por natureza.

Porque voltando ao início desta análise, qualquer tentativa de confiscar, sejam os ativos, sejam os frutos desses ativos – em outras palavras: interesses –, pode gerar uma reação do bloco oriental que poderia, em troca, desestabilizar ainda mais as moedas do bloco ocidental, especificamente o dólar e o euro, através de ataques cibernéticos ao circuito financeiro global que é, como sabemos, muito frágil⁵.

Abrir uma frente financeira contra a Rússia seria uma decisão política com graves consequências devido à violação do direito internacional e às convulsões previsíveis que produziria nos circuitos financeiros internacionais. Além disso, tanto a escalada de contramedidas como a expansão a outros intervenientes induzida por tal medida devem ser avaliadas com grande cautela. Especialmente porque os adversários de certos líderes ocidentais estão ansiosos por questionar suas estratégias ou sua perspicácia⁶...

* * *

A percepção deste conflito nas margens da Europa é muitas vezes resumida como um jogo de futebol onde especialistas na televisão dão muita importância ao seu time favorito, desafiando uma realidade trágica e demasiadamente virtualizada em nossas telas. Esta distorção da realidade explica parcialmente por que certas medidas exigidas pelos meios de comunicação social e anunciadas pelos líderes políticos levam a uma desilusão crescente, e até mesmo ao ressentimento que conduz a excessos. O confisco definitivo dos ativos russos poderia aumentar significativamente a desordem global e aproximá-la de uma grande catástrofe.

⁴ *Recorde-se que o princípio da imunidade de execução é reconhecido internacionalmente e protege os Estados do confisco dos seus bens por terceiros, em particular os ativos detidos por uma instituição financeira pública. Por extensão, isto representaria um sério desafio ao direito à propriedade, legalmente reconhecido e assegurado pelos países signatários da Organização Mundial do Comércio (OMC).*

⁵ Yannick Harrel, *Vers un 11 Septembre cyberfinancier? (Rumo a um 11 de Setembro ciberfinanceiro?) em Stratégies dans le Cyberspace, L'Esprit du Livre, 2011.*

⁶ Bruno Le Maire (Ministro da Economia e Finanças francês), “Nous allons livrer une guerre économique totale à la Russie. Nous allons provoquer l’effondrement de l’économie russe, et le peuple russe en paiera aussi les conséquences” (“Vamos travar uma guerra econômica total contra a Rússia. Causaremos o colapso da economia russa e o povo russo também pagará as consequências”), *France Info*, 1º de março de 2022. Em 2023, o PIB da França cresceu 0,9%, enquanto o da Rússia cresceu 3,6%.

Para manter a perspectiva, nunca devemos esquecer o aviso de Charles-Louis de Secondat, o Barão de la Brède e Montesquieu, que nos exortou a não confundirmos as causas profundas de um conflito com suas causas aparentes, da mesma forma que nos desafiou a confundir aqueles que desencadeiam conflitos com aqueles que os tornam inevitáveis⁷.

Publicado no [Cf2R](#).

****Yannick Harrel** é doutorando em ciências da engenharia, professor e conferencista em Estratégia Cibernética, autor de três estudos e obras de referência sobre questões cibernéticas e vencedor do Prêmio Almirante Marcel Duval 2011 (Revue de Défense Nationale).*

⁷ Em 25 de fevereiro de 2024, o *The New York Times* revelou que uma dúzia de bases da CIA foram estabelecidas na Ucrânia, perto da fronteira russa, desde 2014, confirmando o envolvimento dos serviços de inteligência dos Estados Unidos nos assuntos internos e externos deste país há vários anos. Além disso, a ex-secretária de Estado americana Victoria Nuland informou publicamente em 2016 que o Exército e a administração civil ucranianos eram apoiados por conselheiros americanos.